A EXPECTATIVA DA FINITUDE: AFETO E PERFORMANCE À SOMBRA DO PORVIR

Leonardo Luiz Silveira da Silva[1]
Alfredo Costa[2]
Carlos Magno Santos Clemente[3]

RESUMO
Este trabalho baseia-se em pressupostos mais-que-representacionais e propõe uma reflexão sobre como a expectativa da morte interfere no afeto e na performance humana, trazendo repercussões importantes para o arranjo do espaço. De forma mais detida, parte-se da natureza duplamente localizada do afeto, intermediada pelo campo relacional entre corpos e o subconsciente, para propor a descrição de expressões primárias e secundárias da finitude. Destacamos que estas expressões interagem ativamente, e aludem tanto à dimensão das relações estabelecidas pelos indivíduos frente às estruturas funcionalmente ligadas à morte - exemplificadas aqui a partir da sua disposição no tecido urbano de Salinas-MG -, e também à dimensão subconsciente do afeto. Nossa metodologia inclui uma análise da temporalidade afetada pela experiência do passado e pela expectativa do porvir, o que dialoga diretamente com os pressupostos das chamadas geografias espectrais, entendidas como um conjunto de abordagens mais-que-representacionais que utilizam do afeto entre temporalidades como uma forma importante de ler a geografia do que acontece. Concluímos que a expectativa da finitude é um constituinte indissociável da existência, apresentando-se como uma das mais poderosas forças que se corporificam nas performances, trazendo repercussões muito relevantes para o arranjo paisagístico e, ao mesmo tempo, se apresentando como forças que continuam a afetar a experiência de cada um de nós.

Palavras-Chave: Abordagem mais-que-representacional; temporalidade; geografias espectrais; paisagem.

THE EXPECTATION OF FINITUDE: AFFECTION AND PERFORMANCE IN THE SHADOW OF THE FUTURE

ABSTRACT
This work is based on more-than-representational theory assumptions and proposes a reflection on how the expectation of death interferes with human affect and performance, bringing important repercussions for the arrangement of space. In a more detailed way, it starts from the doubly located nature of affection, intermediated by the relational field between bodies and the subconscious, to propose the description of primary and secondary expressions of finitude. We emphasize that these expressions actively interact, and allude both to the dimension of the relationships established by individuals in the face of structures functionally linked to death - exemplified here from their arrangement in the urban fabric of Salinas city (Minas Gerais, Brazil) -, and also to the subconscious dimension of affection. Our methodology includes an analysis of the temporality affected by the experience of the past and the expectation of the future, which dialogues directly with the assumptions of the so-called spectral geographies, which are understood as a set of more-than-representational approaches that use the affection between temporalities as an important way of reading the geography of what happens. We conclude that the expectation of finitude is an inseparable constituent of existence, presenting itself as one of the most powerful forces that are embodied in performances, bringing very relevant repercussions to the landscape arrangement and, at the same time, presenting themselves as forces that continue to affect the experience of each one of us.

Keywords: More-Than-representational approach; temporality; spectro-geographies; landscape.

[1] Doutor em Geografia (PUC-MG), professor EBTT do IFNMG campus Salinas. leonardo.silveira@ifnmg.edu.br
[2] Doutor em Geografia (UFMG), professor EBTT do IFRS campus Caxias do Sul. alfredo.costa@caxias.ifrs.edu.br
[3] Doutor em Geografia (PUC-MG), professor EBTT do IFNMG campus Salinas. carlos.clemente@ifnmg.edu.br

Introdução

Desde tenra idade, incorporações cognitivas relevantes passam a fazer parte de nossa realidade afetiva. Tais incorporações – que incluem *insights* abruptos – reverberam de forma inconteste na dimensão performativa. Yi-Fu Tuan (2013 [1977]) destacou as fases do desenvolvimento infantil e as repercussões para a compreensão do espaço. Um acontecimento de grande relevância nos primeiros anos de vida é o aprender a andar, que possibilita outro ângulo de visão sobre o mundo que envolve a criança. Do ponto de vista cognitivo, a apreensão acerca da própria finitude é um marco muito poderoso, que jamais abandona uma pessoa, a não ser que a mente esteja muito comprometida por alguma patologia que é capaz de retirar, dela mesma, a compreensão sobre quem é. Não temos, neste artigo, a pretensão de discutir o que leva a pessoa a elaborar que a morte é inevitável. Nosso objetivo é mostrar neste trabalho como a expectativa do final irremediável da vida interfere no afeto e *performance* humana, trazendo reflexos muito diretos para o arranjo do espaço.

Defendemos o pressuposto de que a expectativa da finitude é um ponto futuro, mesmo para o suicida ou paciente terminal que busca controlar o momento da morte. Como trata de uma temporalidade futura que afeta o presente, vemos as premissas defendidas pelas geografias espectrais – ou espectrogeografias (MADDERN; ADEY, 2008) – como ideias que nos ajudam a refletir sobre os impactos da expectativa da finitude sobre o espaço. Adiantamos que nessa abordagem mergulhamos em uma epistemologia mais-que-representacional que faz com que as respostas não sejam absolutas; diferentemente, esta epistemologia se edifica na intersubjetividade como meio de contemplação dos fenômenos. Sabe-se, assim, que a abordagem apartada entre mente e matéria não é adequada.

Nossa estratégia discursiva é iniciar um debate sobre o entrelace das dimensões da mente e matéria e aplicá-lo, analogamente, às dimensões do afeto e da *performance*, que são, por sua vez, conceitos consagrados das geografias mais-que-representacionais. Posteriormente, iremos abordar as premissas das geografias espectrais que fundamentam este artigo. Então, sem a pretensão de apartar mente e matéria, vamos apresentar como o reconhecimento da nossa mortalidade contribui para a ocorrência de práticas corporificadas [*embodied practices*] (MACPHERSON, 2010) que resultam no que classificamos como expressões primárias e secundárias da finitude.

Partimos do pressuposto de que a morte que se avizinha também interfere em elaborações bastante naturalizadas do nosso cotidiano e que aparentemente resultam em registros espaciais que não nos lembram da nossa finitude. Por essa razão, realizando o trabalho de campo na cidade de Salinas-

MG – local de moradia de um dos autores – abordaremos as expressões primárias da finitude, que se referem aos equipamentos erguidos que funcionalmente estão ligados à morte e, posteriormente, abordaremos as expressões secundárias, que são expressões (inter)subjetivas e por vezes subconsciente da finitude manifestadas ordinariamente na paisagem.

Mente e Matéria, afeto e performance

A agitação epistemológica que se deu a partir da segunda metade do século XX permitiu que, paulatinamente, a geografia passasse a diminuir a sua vocação ocularcentrista (FRIAS, 2019) e passasse não somente a incluir a encruzilhada sensorial que inclui olfato, tato e audição na interpretação do espaço, mas também fosse capaz de transcender a matéria. É de se notar que a geografia, ao lado de outras ciências sociais, está entre aquelas historicamente mais preocupadas com aquilo que é presente, observável, tangível e mensurável no mundo. Todavia, as décadas recentes registraram estratégias e teorizações que visam propor a mediação das relações entre as dimensões material e imaterial (KAARISTO; VISENTIN, 2023; SILVA, 2020; 2023a).

A partir dos anos 1980, a nova geografia cultural se apresentou como um campo de estudo que passou a entender o substrato tangível da paisagem como um arranjo codificado que seria capaz de interferir no comportamento das pessoas, bem como em suas elaborações mentais. Com empréstimos da semiótica[4] (DUNCAN; 1987; HOPKINS, 1990), a paisagem tal como se apresenta passou a ser vista como uma poderosa indutora das relações humanas (SCULLE; JAKLE, 2008), assim como quaisquer representações submetidas ao escrutínio coletivo, sejam discursos, pinturas (SILVA; PASSOS, 2018), ilustrações[5] (SLATTER, 2023), *inter alia*. Nesse sentido, intervir na paisagem é também um ato político (MITCHELL, 2003) e o arranjo paisagístico porta-se como um texto (ROWNTREE, 1986; COSGROVE; JACKSON, 1987; DUNCAN; DUNCAN, 1988; COSGROVE, 1990;), capaz de induzir a *performance* humana (COSGROVE, 1982; 1993; DUNCAN, 1990).

A transcendência do plano material bem encampada pela nova geografia cultural deu fôlego ao entendimento que a leitura do espaço é intersubjetiva e que as representações das categorias, tal como as narrativas históricas sobre os fatos (WHITE, 1981; 1984; 1988; 1992; ANKERSMIT, 1998; 2000) são versões. É neste contexto que podemos considerar a crise das representações (JACKSON,

[4] Recentemente, José D'Assunção Barros (2020) fez uma interessante proposição metafórica para a paisagem que também envolve a linguagem: utilizando as relações entre fixos e fluxos, recorte espacial e temporalidades, o autor propôs vermos a paisagem como um acorde musical. Para o autor, na metáfora da paisagem enquanto acorde, o espaço é visto como uma construção horizontal que vai incorporando uma "sucessão de construções transversais (os acordes-paisagens) à medida que o observador o percorre" (BARROS, 2020, p.377). Diante do olhar do caminhante, "uma sucessão de acordes de sucedem, cada qual revelando muitas notas superpostas" (BARROS, 2020, p.377).

[5] Ruth Slatter (2023) destacou que os quadrinhos religiosos produzidos por James Smetham no século XIX evidenciam como as representações desempenharam ao longo da história um papel significativo no ensino e reforço dos valores, normas e comportamentos religiosos.

1991, FLAHERTY, 2002; DENZIN, 2002), que criou uma atmosfera favorável para que – no âmbito da geografia – se falasse em Teorias não-representacionais (TNR), estilo de abordagem claramente alicerçado pelo social-construtivismo, pós-estruturalismo, Teoria Ator-rede e pós-fenomenologia[6]. Apesar de se mostrar incipiente em trabalhos de língua portuguesa, as TNR possuem textos publicados que abordam as suas nuances epistemológicas, como se vê em Seemann (2015), Paiva (2017; 2018), Silva (2023a; 2023b) e Silva e Costa (2022a). Não objetivamos neste artigo detalhar as TNR. Achamos importante a indicação deste campo de abordagem – que Nigel Thrift (2000) chama de estilo não-representacional – porque trabalharemos dois conceitos que são importantes pilares que sustentam o seu escopo: tratam-se dos conceitos de afeto e de *performance*.

É importante dizer que o acrônimo tem sido preterido pela expressão "mais-que-representacional". A sugestão foi dada por Hayden Lorimer (2005) e tem tido respaldo relevante. Tal fato se explica pelo entendimento de que aquilo que se chama de não-representacional não nega, de fato, a representação; diferentemente, a representação é considerada não como um fim em si mesmo, mas como mais um dos inúmeros instrumentos que dão contornos ao afeto. Assim, faz sentido pensar que a abordagem não-representacional ou mais-que-representacional – preferimos esta segunda nomenclatura por reconhecer validade nas considerações de Lorimer (2005) – transcende a representação.

Afeto e *performance*, dois conceitos basilares das abordagens mais-que-representacionais, expressam de forma adequada os mecanismos da trajeção berqueniana (BERQUE, 2017), ou seja, a indissociabilidade entre os planos material e mental. Nosso corpo e o ambiente que lhe provoca estímulos – inclusive nas relações com outros corpos – estabelece uma interação dinâmica marcada pelo afeto e pela capacidade de afetar. A atmosfera afetiva nos induz a performar e, por sua vez, os produtos da performance estimulam novos afetos. Podemos falar em um ciclo afetivo-performático repleto de "impressões expressas de expressões impressas[7]", fazendo jus ao trocadilho de Paul Gunnar Olsson (1983). Em outras palavras, afirmamos que as ideias atuam na produção de intervenções no plano material que, por sua vez, interfere na própria produção de ideias.

Podemos afirmar que o afeto é duplamente localizado por situar-se no campo relacional entre os corpos e, ao mesmo tempo, em um nível subconsciente (BARNETT, 2008). É importante considerar que essas duas localizações do afeto também se entrelaçam, sendo sua existência apartada apenas teórica. A literatura acadêmica dá ênfase ao fato de o afeto possuir uma dimensão sócio-política, o

[6] enquanto a fenomenologia se preocupa com a filosofia da consciência e do sujeito, as abordagens pós-fenomenológicas dão ênfase na confrontação antrópica frente ao mundo, incluindo a articulação cultural desta confrontação, o que incorporaria "uma visão trans-subjetiva do significado, carente de permanente elucidação e interrogação" (ADAMS, 2007, p.3). Como consequência, no âmbito da pós-fenomenologia, existe a crença de que os efeitos das diferenças de classe não podem ser analisados de maneira pré-estabelecida (KINKAID, 2021).

[7] Expressed impressions of impressed expressions é o título do artigo de Paul Gunnar Olsson publicado em 1983 no periódico Geographical Analysis.

que é explicado pelo seu potencial de servir como meio de manipulação. Thrift (2004) destaca que a descoberta de meios de praticar o afeto é também a descoberta de praticar a política.

Abordar o afeto não é uma tarefa fácil. Não parece adequado quantificá-lo, tampouco comparar o afeto gerado por um evento em duas pessoas diferentes. Sabe-se, todavia, que submetidos ao mesmo evento, as reações das pessoas ao ocorrido amplificam ou amortecem a intensidade afetiva. É o que ocorre em um estádio de futebol, local em que os comportamentos coletivos responsivos ao evento esportivo potencializam reações individuais. Sabe-se que cada indivíduo, submetido ao mesmo afeto, irá performar de maneira particular. Por isso, a busca pela compreensão das relações em rede possui um procedimento inaugurado por Bruno Latour (1993) e lançado no âmbito da teoria sociológica Ator-Rede: atores entrelaçados em rede devem ser seguidos pelos pesquisadores de modo que o seu cotidiano seja melhor compreendido (THRIFT, 2008). Como é do apanágio da pesquisa fenomenológica, espera-se que o cotidiano dos atores em rede ofereça surpresas que estilhaçam as expectativas (VANNINI, 2015). Afinal, identidades esmiuçadas rompem com o mítico bloco homogêneo das coletividades.

A noção de afeto tem sido encontrada em trabalhos identificados com as *Emotional Geographies* e *Sensuous Geographies*; como consequência, seu significado aprofunda um caráter elusivo (PILE, 2010). O afeto trata-se de uma experiência não consciente, o que lhe molda essencialmente como um conceito abstrato (SHOUSE, 2005). Ben Anderson (2017) destaca que a elusividade do afeto dificulta até mesmo uma definição simples desta palavra, seja na geografia ou em outras disciplinas, como também ocorre com os termos emoção e sentimento. É ponto pacífico do afeto o entendimento de que o mesmo pode induzir as chamadas *embodied practices* - as práticas corporificadas – que seriam ações performáticas guiadas pela dimensão afetiva. Nas práticas corporificadas, é como se o afeto – intangível por concepção – assumisse uma dimensão visível. A corporificação afetiva passa a ser mais um elemento do afeto que atinge e estimula outros corpos (THRIFT, 2008). Assim, parece que nos falta falar de *performance* quando falamos de afeto.

Na verdade, afeto e *performance* são conceitos que precisam sempre ser vistos em conexão, pois "as dinâmicas afetivas são vistas como dispositivos para que o corpo possa performar certas ações, incluindo o discurso (HUTTA, 2015, p.296). Não só os atores de filmes e novelas performam: indivíduos também atuam sem ter nas mãos nenhum *script*. Atletas atuam correndo mais rápido ou golpeando mais fortemente; carros modernos atuam se adaptando às condições da estrada e amantes atuam no prolongamento do intercurso sexual buscando agradar mais o parceiro (VANNINI, 2015). O desempenho performático é responsivo ao afeto, como vimos.

É importante pontuar que tanto o afeto quanto a *performance* não são manifestações *ex-nihilo*: marcas da performance inscritas na paisagem, incluindo a construção de monumentos, artefatos e a realização de rituais presentes no cotidiano inspiram o afeto. Determinar o ponto de partida entre o afeto e a *performance, contudo, nos parece tarefa impossível.* Destacamos, ainda, a capacidade do afeto e da *performance* de dar contornos à trajeção berqueniana, e, *ipso facto*, evidenciar a indissociabilidade entre mente e matéria. O ciclo afetivo-perfomático confere detalhamento maior à perspectiva trajetiva, explorando, sobretudo, as relações em rede envolvendo humanos e não-humanos.

É importante compreender que a valoração das intensidades afetivas não deve ser apresentada em um esquema, visto que as identidades reagem de forma muito particular às experiências individuais e coletivas (HALBWACHS, 1990; SILVA; COSTA, 2020). Esta seria a razão para que categorias coletivas apresentadas como se fossem capazes de exprimir o afeto e *performance* de sujeitos devam ser relativizadas. É o que estimula Cohen (1993) a dizer que as culturas deveriam ser vistas a partir das identidades e Mitchell (1995) a sacramentar que não existe tal coisa ontológica que geralmente se acredita a ser cultura. Longe de querermos reificar comportamentos, apenas queremos evidenciar o caráter análogo compartilhado pela trajeção e pelo ciclo afetivo-performático. Reconhecemos que existem afetos múltiplos, combinados, e com intensidades e resultados muitas vezes imprevisíveis. Cada indivíduo carrega uma soma de experiências que, devido sua ocorrência espacial, nos autoriza a dizer que somos portadores de excepcionalidades mundanas que nos confere uma exclusiva quimera de lugares (SILVA; COSTA, 2022b).

Neste trabalho, a expectativa da finitude é expressa por meio das relações entre afeto e *performance*. Todavia, destaca-se o fato de o afeto também ser provocado por expectativas futuras – a morte irrefreável – que provocam efeitos muito significativos no tempo presente. As geografias espectrais, campo de investigação incipiente mesmo nas geografias anglófonas, explora o jogo entre afeto, *performance*, presença e ausência, mostrando os efeitos do passado e do futuro sobre o comportamento dos atores que participam da construção do arranjo hodierno do espaço. Por isso, antes mesmo de apresentar as faces tangíveis e intangíveis da expectativa da finitude, vamos falar de geografias espectrais.

Geografias espectrais

De partida, é importante esclarecer que, no âmbito deste artigo, qualquer analogia possível entre o espectral e a mortalidade é fortuita. Abordando o impacto da expectativa da morte para o arranjo

do espaço no tempo presente poderíamos levar o leitor a crer que exista alguma intencionalidade de cunho teológico entre a associação do espectro com a morte. Não é esse o nosso propósito. As geografias espectrais dão substância ao nosso método por abordar o afeto daquilo que está ausente na paisagem contemporânea e seu impacto na *performance*. Neste particular, fala-se em ausências corporificadas [*embodied absences*] (MORAN; DISNEY, 2019), expressão que traz a ideia de o elemento ausente ser carregado por cada um de nós e se mostrar capaz de compor o corpo que sente e performa.

A figura do fantasma ou espectro – que dá ao nome da abordagem geográfica em questão – é geralmente usada como um meio de apreender àquilo que nós não conseguimos explicar, que não esperamos e sequer podemos representar (EDERSON, 2007; MADDERN; ADEY, 2008), pois, no rígido campo ocularcentrista (FRIAS, 2019), o que está ausente não interfere no espaço tal como ele se arranja. Esta é uma perspectiva superada pelas geografias espectrais, que nos levam a pensar que a cavidade na escarpa íngreme das cercanias de Cabul deixada pela implosão dos budas de Baymian – monumentos colossais destruídos pelo governo afegão Talibã – pode trazer significados mais afetivos do que quando os budas estavam presentes (ANDREOTTI, 2010). O que dizer então com a água e seu nível de flutuação, ora trazendo abundância e ora levando comunidades inteiras à escassez e a um conjunto de comportamentos responsivos a esta sazonalidade (VILLIERS, 2002; KAARISTO; VISENTIN, 2023)?

Para ignorar os pressupostos espectrais, além da vocação ocularcentrista de análise, destaca-se o caráter a-histórico da abordagem. O tempo em movimento provoca o jogo entre ausência e presença, fazendo este ser uma regra e não uma exceção na leitura geográfica. O espaço monta-se tal como um pastiche (SILVA; COSTA; SILVA, 2022), e os deslocamentos dos seus componentes – que podem incluir não só a tangibilidade mundana, mas também o movimento das ideias – constroem a paisagem tal como uma colagem de múltiplas temporalidades. Cada um dos seus fragmentos pode desaparecer ou perseverar; a chegada de novas incorporações é inexorável e faz parte da natureza do espaço, numa paráfrase ao título de uma das mais expressivas obras de Milton Santos. O autor em questão – baluarte da geografia – batizou as temporalidades pretéritas que se agregam à paisagem de rugosidades (SANTOS, 2012 [1996]).

É interessante pensar que o nosso conhecimento do espaço é temporal e localizado de forma restrita. Por exemplo, é plausível dizer que não conhecemos a França, mas determinada porção do

espaço francês[8] e em um determinado tempo[9]. É de se imaginar o impropério discursivo proferido por um palestrante que evoca a autoridade do lugar de fala por conhecer uma dada porção do espaço – mas que ignora o fato deste conhecimento ter se dado há três décadas e numa espacialidade incongruente frente ao que discursa. O descuido frente à temporalidade foi chamado por Edward Saïd de supressão da experiência histórica, tendo sido abordado frontalmente em duas de suas importantes obras (SAÏD, 2007 [1978]; 2011 [1993]). Neste vício analítico, imagens congeladas sobre o passado perseveram, apesar de poderem ser questionadas até mesmo por críticas não muito elaboradas[10].

É de se ressaltar que discursos podem ser congelados temporalmente – ou marcham em ritmos descompassados frente ao estado hodierno das coisas – e, assim, acabam por produzir estereótipos que se lançam sobre espaços que nada dizem respeito a eles. Tal estratégia pode fazer parte de uma política de poder que utiliza o discurso como uma forma de representar um espetáculo (RIAD; JACK, 2021), numa tentativa deliberada de ressaltar o exótico como meio de prover apelo àquilo que é narrado. Parece-nos adequado assumir que conhecemos certos espaços-tempos[11] e que, ainda assim, seriam expressos sob descrição, o que constitui como uma crítica já bem sabatinada acerca da incapacidade da narrativa historiográfica em se portar como verdade (LOWENTHAL, 1975; 2015[1985]; WHITE, 1981; 1984).

Até mesmo ideias deliberadamente distorcidas sobre o espaço-tempo tem condição de impactar a leitura presente. Afinal, as geografias espectrais se apoiam na crença acerca da justaposição do plano físico e mental (MCCOMARCK, 2010), o que permite considerar que os produtos da mente de outrem, ora representados, passam a fazer parte do nosso caldeirão afetivo. O destaque das geografias espectrais frente às demais abordagens mais-que-representacionais é a sua capacidade de lidar com as presenças e ausências de objetos, animais e processos – que são expressas na passagem do tempo – como meios de interferência no ciclo afetivo-performático do presente

[8] Joel Bonnemaison (1994) destacou que nossa experiência espacial se dá de forma reticular. Assim, faz mais sentido falar em uma apreensão do espaço por eixos da experiência do que por meio de polígonos solidamente preenchidos.

[9] Homy Bhabha (2013 [1994]) expressa a discussão sobre a experiência espaço-temporal de forma similar à nossa teorização: utilizando uma figura de linguagem, refere-se a um conjunto de tempos adiados e espaços fendidos.

[10] Saïd mostrou a força das marcas das temporalidades e dos sentidos de ausência e presença como meios de se interpretar as relações coloniais e pós-coloniais. De forma ainda mais direta, Kate Shipley Coddington (2011) mostrou em seu trabalho sobre o povo qutekcak como os pressupostos espectrais podem destacar as diferenças muitas vezes nubladas envolvendo a perspectiva colonial e a pós-colonial. Para a autora, "as conexões entre as histórias coloniais e as práticas hodiernas ganham forma como geografias espectrais" (CODDINGTON, 2011, p.744). A autora conclui ainda que as geografias espectrais são úteis para possibilitar o estabelecimento de conexões entre lugares e tempos que nos ajudam a compreender os fantasmas do presente. Por meio do seu texto, faz o alerta de que se ignorarmos as assombrações, "corremos o risco de perpetuar pesadelos do passado" (CODDINGTON, 2011, p.753). Emilie Cameron (2008) argumentou, por sua vez, que a invocação das tradições sublimadas dos nativos americanos – chamadas pela autora simplesmente de fantasmas – tem sido interpretadas como gestos pós-coloniais ou ações descolonizadoras. Por fim, é de destacar o texto de Miller, Prieto e Vila (2020) que exploraram a geografia pós-colonial a partir do sentido de ausência e presença que pairam sobre as ruínas do forte Henry, localizadas atualmente no interior do território chileno.

[11] A Terra não é simplesmente cógnita ou incógnita, como abordou John K. Wright (2014 [1946]). Há a necessidade de se pensar que as áreas ditas cógnitas são retratos, frames temporais. Considerando este purismo teórico, apenas conhecemos o que vivenciamos hodiernamente. Todavia, conhecimentos prévios sobre uma área revisitada conferem maiores possibilidades analíticas sobre o arranjo das coisas.

(MEIER, FRERS; SIGVARDSDOTTER, 2013). Em um exemplo, a materialidade do arranjo arquitetônico que ajuda a moldar a paisagem é um dos importantes traços deixados pela *performance* humana e – de acordo com o entendimento de que a paisagem deve ser vista como um texto –, deixa recados para quem o lê. Para além disso, a arquitetura evidencia práticas que não mais existem e ainda são capazes de anunciar o porvir (DEGEN; HETHERINGTON, 2001). Nas geografias espectrais, parte-se da premissa que os passados e futuros suplementam o presente: por isto, na abordagem em questão são distorcidas as percepções do espaço-tempo (MADDERN; ADEY, 2008)[12].

O que é espectral não são os materiais que constituem as edificações; são espectrais as condições afetivas que inspiraram a *performance* humana pretérita a moldarem o espaço tal como ele se apresenta. Tais condições afetivas podem ter sido nubladas ou obliteradas, atuando no tempo presente em um nível subconsciente na mente dos indivíduos, afetando-os. A expectativa da finitude não é só um olhar para a frente; é também a projeção do passado que nos assombra. Os entes queridos que partiram deixam-nos saudades, mas, ao mesmo tempo, lembram da nossa própria mortalidade. A expectativa da finitude é muito impactante no âmbito performático: construímos edificações que nos auxiliam a lidar com a morte, seja para ritualizá-la, adiá-la e, dependendo do arranjo cultural, celebrá-la (TUAN, 2005 [1979]).

Finitude e afeto

Trabalhar a finitude a partir de duas camadas – a primária, consciente, e a secundária, subconsciente – foi uma escolha difícil de ser feita, pois, apesar possuir evidentes virtudes didáticas, corre-se o risco de um olhar menos atento concluir que a perspectiva material e imaterial da paisagem pode ser separada. Não é isto o que queremos transmitir com nosso manuscrito; o ponto de partida do método que empregamos neste artigo é a indissociabilidade mente-matéria, que é tão cara aos modernos estudos culturais. Partirmos do pressuposto que a morte é um importante ingrediente afetivo e que nos acompanha por ser parte integrante do ser-aí [*dasein*], numa paráfrase à Martin Heidegger e a um dos seus conceitos de maior repercussão. É importante o indicativo que o afeto, basilar para a reflexão que aqui propormos, é um elo entre o mundo material e a dimensão das ideias: a *performance* é a corporificação do afeto e, em retorno, os produtos da performance são afetivos. Como Barnett (2008) assumiu, o afeto é duplamente localizado e encontra-se no campo

[12] Vale ressaltar que tal perspectiva diverge do presentismo, que analisa o passado e o futuro por intermédio das lentes do presente. Nesta perspectiva, somente o presente seria real, pois momentos no passado e no futuro somente existem se forem compreendidos pelo presente (ASH; GORDON, 2023).

relacional entre corpos[13] e, ao mesmo tempo, está situado em um nível subconsciente. Por esta razão, se faz necessário compreender como se dão as expressões materiais primárias – funcionalmente ligadas à morte – e as expressões que chamamos de secundárias, essencialmente ordinárias (ANTROP, 2005), que incluem a dimensão subconsciente do afeto e, portanto, trazem à reboque a finitude para o campo performático.

É importante termos a clareza de que a expectativa da finitude não atua sozinha na modelagem da paisagem. Inúmeras outras forças afetivas se coadunam, fazendo da paisagem um campo de batalhas discursivo (SILVA; COSTA, 2021). Estão presentes diversas ideologias que inspiram expressões fálico-machistas pornotópicas (COSGROVE, 1982; PORTEOUS, 1986), racialistas (EVANS, 2021), nacionalistas (ZELINSKY, 1986; GOUGH, 2000), étnico-supremacistas (TAKEUSHI, 1999; GAVIN, 2000), dentre outras. Concomitantemente a estas presenças na paisagem, é de se considerar as potencialidades sensoriais bastante pronunciadas, que permitiram outrora falarmos de *soundscapes* (PORTEOUS; MASTIN, 1985; POCOCK, 1989; CARNEY, 1990; 1998; UIMONEN, 2008; MALANSKI, 2011; 2017; PISTRICK; ISNARD, 2013) ou *smellscapes* (PORTEOUS, 1985; DROBNICK, 2002; YOUNG, 2020). Estes neologismos que aludem as potencialidades sensoriais que se manifestam em uma dada porção do espaço não são bem acolhidos por Tim Ingold: “eu abomino a moda da multiplicação dos *scapes* de qualquer tipo” (INGOLD, 2007, p.10). Em sua concepção, qualquer recorte sensorial aplicado à paisagem é indevido, pois não pode ser concebido isoladamente.

As expressões primárias da finitude

São nas costuras da paisagem – que espelham as intermediações de aflições e esperanças – que são erguidos os produtos das interações entre o ser humano e a dimensão mais-humana. Nestas costuras, salões de velório, igrejas, hospitais, floriculturas especializadas em coroas de flores e lojas especializadas em vendas de caixões são exemplos de estruturas que salpicam no espaço. Concentrados em áreas urbanas, também podem se apresentar fora das urbes. Assim como ocorre com lojas de diversos setores, como o moveleiro ou automobilístico, estas estruturas que funcionalmente se associam à finitude podem se aglutinar em geometrias que tem a circulação e a complementariedade como pressupostos ordenadores do seu arranjo. Tais estruturas passam a integrar paisagens ordinárias, mas, ainda assim, remetem à finitude por meio das funções que desempenham e nos ajudam a naturalizar a mortalidade. A partir dos pressupostos de uma leitura

[13] E, acreditamos, também entre objetos.

simbólico/iconográfica de que a paisagem pode ser vista como um texto (ROWNTREE, 1986), estas estruturas formam recados e, portanto, possuem inegável potencial afetivo, ainda que este potencial não acarrete em respostas únicas dos indivíduos aos estímulos aos quais são submetidos. É importante destacar que não é adequado considerar a existência ontológica do afeto; isto significa dizer que as estruturas que estão funcionalmente ligadas à morte – e que chamamos de expressões primárias da finitude – não produzem respostas idênticas entre as pessoas.

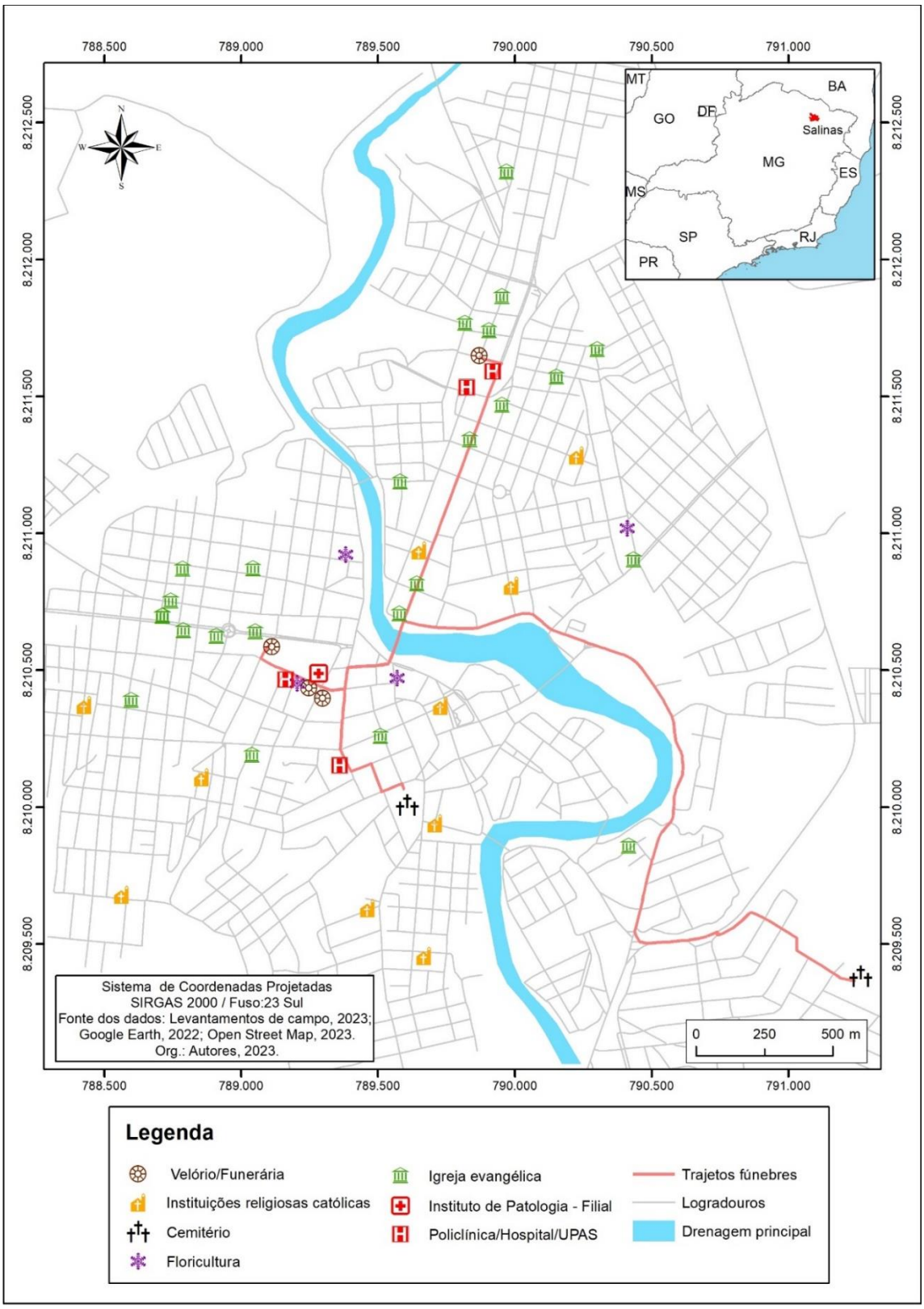
Também é necessário destacar que não temos a intenção de esgotar as estruturas que estão funcionalmente ligadas à morte. É possível que para algumas pessoas o hospital lembre menos a morte do que um açougue. A tentativa de abarcar todas as possibilidades da imaginação e afeto humano é vã. Todavia, o que se pode afirmar com certeza é que existe um plano material-iconográfico que responde pelo que chamamos de expressões primárias da finitude.

Ademais, a intensidade afetiva oscila de acordo com variáveis difíceis de serem compreendidas e que penetram não somente nos meandros da experiência humana, mas em discussões semióticas profundas. Assim, um salão de velório inscrito na paisagem pode produzir respostas afetivas muito variadas. É plausível considerar que as marcas paisagísticas das estruturas funcionalmente ligadas à finitude possuem potencial afetivo, assim como segmentos da paisagem nos trazem os mais diversos textos[14]. A figura 1 apresenta certas estruturas funcionalmente ligadas à morte na cidade de Salinas-MG. Além das estruturas físicas, consideramos como expressão primária da finitude os corredores que são palcos dos cortejos fúnebres. São percursos, geralmente realizados a pé, que ligam as casas de velório aos dois cemitérios da cidade. Estes percursos, por meio da consistência de sua impecável repetição, formam eixos materiais e funcionais da finitude.

O arranjo das expressões primárias da finitude, que incluem dados acerca de aglomerações e posicionamento frente aos corredores de circulação, evidencia sua essência ordinária e a indissociabilidade que existe entre o cotidiano e a perspectiva afetiva advinda do caráter finito da vida. Ao trazer a figura 1, não tivemos a intenção de subsidiar um debate sobre o arranjo das expressões primárias da finitude em Salinas; diferentemente, quisemos somente apontar caminhos de exploração para a pesquisa empírica, o que está de acordo com o objetivo explicitado na introdução do texto deste artigo.

[14] Há de considerar que a paisagem pode guardar segredos, que seriam em uma analogia, textos não decifráveis (ou decifráveis para poucos) (SILVA, 2020). A familiaridade com a paisagem facilita a leitura de certos ícones: um turista que possua pouca informação sobre o hinduísmo e que visite Varanasi terá dificuldades para compreender a trama de significados iconográficos, assim como entender o entrelace entre os rituais, o rio e as estruturas erguidas na paisagem.

Figura 1: Certas estruturas funcionalmente ligadas à morte na cidade de Salinas-MG.



Fonte: os autores.

A funerária Salinas, exibida em fotografia (figura 2), acrescenta possibilidade de representação para os ícones apresentados na figura 1. Estruturas como funerárias, tendem a trazer

para um conjunto grande de pessoas a lembrança cotidiana da limitação da vida. Formas diversas de representação, em trabalhos empíricos, são desejáveis.

Figura 2: Funerária Salinas.



Fonte: Os autores.

Como afirmamos, as expressões primárias da finitude não podem aludir a um afeto ontologicamente entendido. O mapeamento dos equipamentos urbanos que funcionalmente estão associados à finitude poderia, por meio do arranjo dos elementos retratados, sugerir que certas áreas são mais afetivas do que outras. É sempre importante ter em mente que o afeto é variável entre os indivíduos. Em um exemplo, um mapa de densidade de Kernel poderia criar falsa ilusão acerca do afeto da finitude. É impossível, do ponto de vista coletivo, falar em gradações afetivas no espaço. Individualmente esta tarefa aparenta ser exequível, a partir de relatos em que os entrevistados pudessem falar de suas emoções e do afeto que sentem mediante o seu encontro com os equipamentos funcionalmente associados à finitude, representando tudo isso em um mapa mental, mesmo admitindo-se a sua efemeridade, visto que as gradações afetivas são espacial e temporalmente localizadas.

Ao sabor da experiência humana, aquilo que em determinada fase da vida pode ter estimulado um grande potencial afetivo em um indivíduo também é capaz, em fase mais madura, ser representado como um elemento absolutamente ordinário da paisagem. Mostramos em publicação recente (SILVA; COSTA; MATOS, 2021) que a representação coletiva de fenômenos intangíveis como o afeto é inadequada. É importante pontuar que não existe estatística que seja capaz de intermediar adequadamente o afeto ou as emoções.

Como já apontamos, o afeto possui uma localização dupla: situa-se nas relações entre corpos e também em um nível subconsciente. O que chamamos de expressões primárias da finitude referem-se às estruturas funcionalmente ligadas à morte e seu potencial de – por meio de suas manifestações físico-iconográficas – atingirem nossos corpos afetivamente. Uma vez afetados pela materialidade da presença das expressões primárias da finitude, passamos a performar sob a égide desse afeto e de outros estímulos que compõem nossa experiência, moldando a paisagem a partir de nossas concepções conscientes e subconscientes. É por isso que devemos considerar aquilo que chamamos de expressões secundárias da finitude, como veremos a seguir.

As expressões secundárias da finitude

Eduardo Marandola Jr. (2018) afirmou que a morte se faz tão presente quanto a vida: "está sempre conosco, nas paredes, na memória, na própria lama que constitui os lugares" (MARANDOLA JR. 2018, p.81). A morte faz parte da condição humana. Justamente pela mortalidade ser uma condição, naturalizamos o fim irrefreável ao ponto de muitas de nossas ações serem operadas em um nível subconsciente. Pensemos nos financiamentos imobiliários: a extensão temporal desses financiamentos não se associa com a nossa expectativa de vida? Ou ainda, os valores dos seguros que oneram as prestações do empréstimo imobiliário – via de regra – não aumentam conforme a idade do financiador? Parece que, nesses casos – de maneira mais restrita do que a própria morte – é a expectativa de vida que impacta nos financiamentos. A princípio, esses parecem ser raciocínios de interesse exclusivo de um economista. Todavia, uma análise mais detida aponta que o valor e extensão dos financiamentos impactam sensivelmente na paisagem, seja transformando imóveis ou construindo-os em locais ermos, expandindo a urbe.

Grosseiramente, podemos pensar que, para além dos equipamentos funcionalmente ligados à morte, a finitude molda a paisagem. O envelhecimento e a mortalidade em si, exigem de nós planejamentos que possuem impacto espacial. Uma quantidade expressiva de pessoas se preocupa com a aposentadoria ainda pertencendo à classe dos trabalhadores ativos. Este exemplo mostra como nossa decadência física, inexorável, nos convida a planejar o futuro. Resta ainda apontar que, ainda que estruturas erguidas não sejam funcionalmente ligadas à morte, é possível identificar detalhes no seu plano arquitetônico – de forma mais explícita ou implícita –, que remetem a finitude. Esses detalhes podem ser desde pequenos oratórios particulares às nuances ocultas que fazem do nosso subconsciente sua morada.

Manifesta-se aí espectralidade da finitude: a capacidade das expectativas futuras impactarem na *performance* dos atores hodiernos. É muito importante considerar que a expectativa da finitude não se constitui como uma variável fixa de uma equação, aplicável a todos os indivíduos. A forma como se encara a morte possui variações tão expressivas quanto a miríade de identidades que habitam o mundo. É notável o impacto da religião, do seio familiar, da experiência de vida, *inter alia*, na significação da morte. Além das variações da apreensão da morte serem tantas ao ponto de precisarmos falar em sua excepcionalidade, é notável que a passagem do tempo atomístico, que nos permite amealhar a experiência, também coloca esta apreensão em movimento.

Pensar sobre a morte nos conduz sempre a uma projeção futura. Assim, esse salto de temporalidade precisa ser considerado: o tempo em movimento também pode possuir significados muito variados e, com isso, impactar na apreensão da morte. Se existe um tempo coisificado e compartimentado em intervalos (ZERUBAVEL, 1982; HARVEY, 1990; MUNN, 1992) que esteja a serviço da organização social (FRIEDMAN, 1985), coexiste com este um tempo relativo que é compatível com o devir individual (STRAUS, 2000): no âmbito psicológico um indivíduo pode entender que chegou a hora de viver intensamente a expectativa da morte na entrada dos seus sessenta anos enquanto que, por outro lado, existem aqueles que estão em busca de um grande amor na oitava década de vida.

Ressaltamos que as apreensões acerca da expectativa da finitude que incluem diferentes formas de perceber a passagem do tempo, conduzem-nos a pensar na existência ora latente e ora gritante do espectro da morte. Isto é, a expectativa futura da morte impacta no afeto e na *performance* humana. O fato de a apreensão da finitude ser excepcional – manifesta em âmbito identitário em sua forma, duração e intensidade e sujeita às contingências da experiência – não a torna irrelevante como componente da paisagem que percebemos e ajudamos a edificar.

Considerações Finais

A expectativa da finitude é um constituinte do ser-aí, assombrando-nos como um espectro e se constituindo como uma das mais poderosas forças que se corporificam nas *performances* hodiernas. Temos segurança para trazer esta assertiva pelo fato da paisagem trazer marcas que revelam performances e afetos estimulados pela percepção da finitude. Tais marcas foram apresentadas como expressões primárias da finitude. A discussão encaixa-se perfeitamente nos pressupostos das geografias espectrais, que analisam de que forma elementos ausentes do tempo presente e oriundos de diferentes temporalidades – inclusive do futuro – podem ser afetivos e instruidores das *performances* atuais. Em nossa estratégia discursiva, espelhamos a natureza do afeto no método de

investigação, mostrando camadas sobrepostas e entrelaçadas: são elas as expressões primárias e secundárias da finitude. Ao mesmo tempo, para além de espelhar a essência do afeto, o método analítico proposto evidencia um cuidado com um tema caro dos modernos estudos culturais, que é a indissociabilidade da mente e da matéria.

Em acordo com a perspectiva teórica trazida por Ingold (2007), não defendemos a construção teórica de uma paisagem da morte. Construímos neste artigo uma forma de mostrar como a expectativa da finitude interfere no afeto e na *performance* trazendo reflexos diretos para o arranjo paisagístico. O fato da expectativa da finitude atuar concomitantemente a outras forças afetivas contribui para que as suas marcas possam se apresentar nubladas.

As expressões primárias da finitude evidenciaram que mesmo os assuntos relativos à morte observam uma lógica espacial: é possível observar a concentração e complementariedade de equipamentos urbanos, criando zonais de funcionalidade para a morte. Já as expressões secundárias da finitude são mais elusivas e (inter)subjetivas, requerendo métodos mais específicos de mensuração. As características das expressões secundárias, dentre as quais o fato de estarem localizadas no subconsciente e comporem elementos ordinários da paisagem, indicam que metodologias (pós)fenomenológicas possam se apresentar promissoras.

Referências

ADAMS, Suzy. Introduction to post-phenomenology. **Thesis Eleven**, n.90, p.3-5, August, 2007.

ANDERSON, Ben. Affect. (In): **The International Encyclopedia of Geography: people, the Earth, Environmental and Geography**, John Wiley & Sons, p.1-3, 2017.

ANDREOTTI, Giuliana. Paisagens do espírito: a encenação da alma. **Ateliê Geográfico**, v.4, n.4, p.264-280, 2010.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. Hayden White´s appeal to the historians. **History & Theory**, v.37, i.2, p.182-193, May, 1998.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. The representation as the representation of experience. **Metaphilosophy**, v.31, i.1-2, January, 2000.

ANTROP, Marc. Why landscapes of the past are important for the future. **Landscape and urban planning**, n.70, p.21-34, 2005.

ASH, James; GORDON, Rachel. Geographies of the event? Rethinking time and power through digital interfaces. **Cultural Geographies**, v.30, i.1, p.3-18, 2023.

BARNETT, Clive. Political affects in public space: normative blind-spotts in now-representational ontologies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.33, n.2, p.186-200, April, 2008.

BARROS, José D´Assunção. Uma nova proposta para a leitura do espaço geográfico: os acordes-paisagens. **Revista de Geografia**, v.37, n.2, p.365-384, 2020.

BERQUE, Augustin. A cosmofania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p.4-16, 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BONNEMAISON, Joel. The Metaphor of the tree and the canoe. Tradução de Peter Crowe. **Pacific Arts**, n.9-10, p.21-24, jul.,1994.

CAMERON, Emilie. Cultural geographies essay: indigenous spectrality and the politics of postcolonial ghosts stories. **Cultural Geographies**, v.15, i.3, p.383-393, 2008.

CARNEY, George O. Geography of Music: Inventory and Prospect. **Journal of Culture Geography**, v.10, n.2, p.35-48, 1990.

CARNEY, George O. Music Geography. **Journal of Cultural Geography**, v.18, n.1, p.1-10, 1998.

CODDINGTON, Kate Shipley. Spectral geographies: haunting and everyday state practices in colonial and present-day Alaska. **Social & Cultural Geography**, v.12, n.7, p.743-756, 2011.

COHEN, Anthony P. Culture as identity: An Anthropologist´s view. **New Literary History**, v.24, p.195-209, 1993.

COSGROVE, Denis. The myth and the stones of Venice: an historical geography of a symbolic landscape. *Journal of Historical Geography*, v.8, n.2, p.145-169, 1982.

COSGROVE, Denis. Landscape studies in geography and cognate fields of the humanities and social sciences. **Landscape Research**, v.15, n.3, p.1-6, 1990.

COSGROVE, Denis. **The Palladian Landscape: Geographical change and its representation**. University Park, Pennsylvania State University Press, 1993.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. New Directions in Cultural Geography. **Area**, v.19, n.2, p.95-101, June, 1987.

DEGEN, Monica; HETHERINGTON, Kevin. **Hauntings**. Space and Culture, i.11-12, p.1-6, 2001.

DENZIN, Norman K. Confronting ethnography´s crisis of representation. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.31, n.4, p. 482-484, August, 2002.

DROBNICK, Jim. Toposmia: art, scent, and interrogations of spatiality. **Journal of the Theoretical Humanities**, v.7, n.1, p.31-47, April, 2002.

DUNCAN, James. Progress report: review of urban imagery: urban semiotics. **Urban Geography**, v.8, n.5, p.473-483, 1987.

DUNCAN, James. **The city as a text: The Politics of Landscape Interpretation in the Kandya Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. (Re)reading the landscape. **Environmental and Planning D. Society and Space**, v.6, p.117-126, 1988.

EDENSOR, Tim. Sensing the ruin. **Senses & Society**, v.2, i.2, p.217-232, July, 2007.

EVANS, Sara Z. The Removal of Confederate Monuments: reflections on Power and Privilege in Shared Spaces. **Social Science Quaterly**, v.102, i.3, p.1044-1055, May, 2021.

FLAHERTY, Michael G. The crisis in representation: a brief history and some questions**. Journal of Contemporary Ethnography**, v.31, n.4, p. 479-482, August, 2002.

FRIAS, Renato Coimbra. O trabalho de campo na geografia: características fundamentais e um convite à escuta. **Espaço e Cultura**, n.45, p.61-86, 2019.

FRIEDMAN, Jonathan. Our time, their time, world time: The transformation of temporal modes. **Ethnos: Journal of Anthropology**, v.50. n.3-4, p.168-183, 1985.

GAVIN, Masako. Nihon Fukeiron (Japanese Landscape): nationalistic or imperialistic? **Japan Forum**, v.12, n.2, p.219-231, 2000.

GOUGH, Paul. From heroes' groves to parks of peace: landscapes of remembrance, protest and peace. **Landscape Research**, v.25, n.2, p.213-228, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HARVEY, David. Between Space and Time: Reflections on the Geographical Imagination. **Annals of the Association of American Geographers**, v.80, n.3, p.418-434, 1990.

HOPKINS, Jeffrey S. P. West Edmonton Mall: Landscape of myths and elsewhereness. **The Canadian Geographer**, v.34, n.1, p.2-17, 1990.

HUTTA, Jan Simon. The affective life of semiotics. **Geographica Helvetica**, v.70, i.4, p.295-309, October, 2015.

INGOLD, Tim. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, v.14, i.1, p.1-16, April, 2007.

JACKSON, Peter. Guest Editorial: The crisis of representation and the politics of position. **Environmental and Planning D, Society and Space**, v.9, p.131-134, 1991.

KAARISTO, Maarja; VISENTIN, Francesco. Absence as an affordance: thinking with(out) water on the inland waterways. **Cultural Geographies**, v.30, n.1, p.87-102, 2023.

KINKAID, Eden. Is post-phenomenology a critical geography? Subjectivity and difference in post-phenomenological geographies. **Progress in Human Geography**, v.45, i.2, p.298-316, April, 2021.

LATOUR, Bruno. **We have never been modern**. London: Harvester Wheatsheaf, 1993.

LIMONAD, Ester. Regiões reticulares: breves considerações para compreender as novas formas urbanas. **Cidades,** v.7, n.11, p.161-177, 2010.

LORIMER, Hayden. Cultural geography: the busyness of being "more-then-representational". **Progress in Human Geography**, v.29, i.1, p.83-94, 2005.

LOWENTHAL, David. Past Time, Present Place: Landscape and Memory. **Geographical Review**, v.65, n.1, p.1-36, January, 1975.

LOWENTHAL, David. **The Past is a Foreign Country**. New York: Cambridge University Press, 2015.

MACPHERSON, Hannah. Non-Representational Approaches to Body-Landscape Relations. **Geography Compass**, v.4, n.1, p.1-13, 2010.

MADDERN, Jo Frances; ADEY, Peter. Editorial: Spectro-geographies. **Cultural Geographies**, v.15, p.291-295, 2008.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Geografia escolar e paisagem sonora. **Ra'ega**, v.22, p.252-273, 2011.

MALANSKI, Lawrence Mayer. O interesse do geógrafo pelos sons: alinhamento teórico e metodológico para estudos das paisagens sonoras. **Ra'ega**, v.40, p.145-162, ago., 2017.

MARANDOLA JR., Eduardo. O gosto da morte na vida dos lugares. **Geografias – edição especial sabores geográficos**, p.71-82, 2018.

MCCOMARCK, Derek P. Remotely Sensing Affective Afterlives: The Spectral Geographies of Material Remains. **Annals of the Association of American Geographers**, v.100, n.3, p.640-654, 2010.

MEIER, Lars; FRERS, Lars; SIGVARDSDOTTER, Erika. The importance of absence in the present: practices of remembrance and the contestation of absences. **Cultural Geographies**, v.20, i.4, p.423-430, 2013.

MILLER, Jacob C; PRIETO, Manuel; VILA, Xurxo M. Ayán. The geopolitics of presence and absence at the ruins of Forty Henry. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.39, i.1, p.139-157, 2020.

MITCHELL, Don. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, new series, v.20, n.1, p.102-116, 1995.

MITCHELL, Don. Cultural landscapes: just landscapes or landscapes of justice? **Progress in Human Geography**, v.27, i.6, p.787-796, December, 2003.

MORAN, Dominique; DISNEY, Tom. "It´s a horrible, horrible feeling": ghosting and the layered geographies of the absent-presence in the prison visiting room. **Social & Cultural Geography**, v.20, i.5, p.692-709, 2019.

MUNN, Nancy D. The cultural anthropology of time: a critical essay. **Annual Review of Anthropology**, v.21, p.93-123, 1992.

OLSSON, Paul Gunnar. Expressed Impressions of Impressed Expressions. **Geographical Analysis**, vol.5, n.1, p.60-64, january, 1983.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LII, n.106, p.159-168, 2017.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LIII, n.107, p. 159-168, 2018.

PILE, Steven. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series***,* v.35, n.1, p.5-20, January, 2010.

PISTRICK, Eckehard; ISNART, Cyril. Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction. **Etnográfica**, v.17, n.3, p.503-513, October, 2013.

POCOCK, Douglas C. D. Sound and the Geographer. *Geography*, v.74, n.3, p.193-200, June, 1989.

PORTEOUS, J. Douglas. Smellscape. Manchester: **Progress in Human Geography**, n.9, p.356-378, 1985.

PORTEOUS, J. Douglas. Bodyscape: The body-scape metaphor. **The Canadian Geographer**, v.30, n.1, p.2-12, 1986.

PORTEOUS, J. Douglas; MASTIN, F. Jane. Soundscape. Chicago: **Journal of Architectural and Planning Research***,* v.2, n.3, p.169-186, 1985.

RIAD, Sally; JACK, Gavin. Tracing the Sphinx from symbol to specters: reflections on the organization of geographies of concern. **Culture and Organization**, v.27, i.3, p.240-266, 2021.

ROWNTREE, Lester. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.10, n.4, p.580-586, 1986.

SAÏD, Edward. **Orientalismo***.* São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SAÏD, Edward. **Cultura e Imperialismo***.* São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço***.* São Paulo: Edusp, 2012.

SCULLE, Keith A.; JAKLE, John A. Signs in motion: a dynamic agent in landscape and place. **Journal of Cultural Geography**, v.25, n.1, p.57-85, February, 2008

SEEMANN, Jörn. O fim das representações na geografia cultural? (in): ROMANCINI, Sonia Regina; ROSSETTO, Onélia Carmem; DALLA NORA, Giseli (Orgs.). **As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em geografia***.* Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015.

SHOUSE, Eric. Feeling, emotion, affect. *M/C Journal*, n.8, w/o pages, 2005. Disponível em: <https://journal.media-culture.org.au/mcjournal/article/view/2443?source=post_page>

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A geografia entre a materialidade e a imaterialidade. **Geotemas**, v.10, n.2, p.25-47, 2020a.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades.** Belo Horizonte e Montes Claros: Letramento e IFNMG, 2023a.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Elucidando as Teorias não-representacionais. **Geotemas**, v.13, n.1, p.e02301, 2023b.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. **Questionando as delimitações cartográficas da cultura**. *Caminhos de Geografia,* v.21, n.73, p.445-457, 2020.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. A paisagem enquanto campo de batalhas discursivo. **Caderno de Geografia**, v.32, n.69, p.524-549, 2021.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Reflexões sobre a geografia do afeto: a excepcionalidade identitária em meio às distorções do espaço-tempo. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, v.42, e190818, p.1-15, 2022a.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. As identidades como uma quimera de lugares. **Revista da Anpege**, v.17, n.34, p.50-54, 2022b.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo; SILVA, Larissa Santos Rocha da. Geografia-Pastiche. **Geografia, Ensino e Pesquisa**, n.26, e22, 2022.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; PASSOS, Jamerson Sérgio Rezende. A pluralidade das paisagens de guerra. **Revista de Geopolítica**, v.9, n.2, p.13-28, 2018.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo; MATOS, Geraldo Magela. Mapeando Fenômenos intangíveis. **Mercator**, p.1-15, 2021.

SLATTER, Ruth. Sacred squares? A non-representational study of James Smetham´s (1821-1889) everyday artistic experiences of religion, faith, and spirituality. **Journal of Historical Geography**, v.79, p.26-38, 2023.

STRAUS, Erwin W. Uma perspectiva existencial do tempo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental***,* v.3, n.3, p.115-123, Jul./Set., 2000.

TAKEUCHI, Keiichi. Some remarks on the texts by foreigners on Japan up to the end of the nineteenth century. **Regional Views**, n.12, 1999.

THRIFT, Nigel. Afterwords. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.18, i.2, p.213-255, April, 2000.

THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v.86, i.1, p.57-78, March, 2004.

THRIFT, Nigel. **Non-representacional theory: Space/politics/affect**. London: Routledge, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

UIMONEN, Heikki. Pure Geographer: Observations on J. G. Granö and Soundscapes Studies. *The Journal of Acoustic Ecology,* v.8, n.1, p.14-16, 2008.

VANNINI, Philip. Non-Representational Research Methodologies: An Introduction. (in)VANNINI, Philip. **Non-Representational Methodologies: Re-Envisioning Research**. New York: Routledge, 2015.

VILLIERS, Marq. **Água: Como o uso deste precioso recurso natural poderá acarretar a mais séria crise do século XXI**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WHITE, Hayden. The narrativization of Real Events. **Critical Inquiry**, v.7, n.4, p.793-798, Summer, 1981.

WHITE, Hayden. The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory. **History and Theory**, v.23, n.1, p.1-33, February, 1984.

WHITE, Hayden. Historiography and Historiophoty. **The American Historical Review**, v.93, n.5, p.1193-1199, December, 1988.

WHITE, Hayden. **Meta-História: A imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: Edusp, 1992.

WRIGHT, John Kirtland. Terrae Incognitae: O lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v.4, n.2, p.4-18, Inverno, 2014.

YOUNG, Benjamin D. Perceiving Smellscapes. **Pacific Philosophical Quarterly**, v.101, i.2, p.203-222, June, 2020.

ZELINSKY, Wilbur. The changing face of nationalism in the American landscape. **The Canadian Geographer**, v.30, i.2, p.171-175, June, 1986.

ZERUBAVEL, Eviatar. The standardization of Time: A Sociohistorical Perspective. **American Journal of Sociology**, v.88, n.1, p.1-23, 1982.